

## O PERIGO DA HISTÓRIA ÚNICA EM “UMA EXPERIÊNCIA PRIVADA”

Luana Caetano Thibes  
*Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações da  
Universidade Estadual de Santa Cruz.*  
*Membro do Grupo de Pesquisa em Línguas e Literaturas Estrangeiras (GP-ELLE/CNPq).*  
*luanacthibes@gmail.com*

Isaiás Francisco de Carvalho  
*Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações da Universidade  
Estadual de Santa Cruz.*  
*Coordenador do Grupo de Pesquisa em Línguas e Literaturas Estrangeiras (GP-ELLE/CNPq).*  
*isaiasfcarvalho@gmail.com*

*Simpósio Temático nº 20 – Estudos Contracanonicos em Literaturas e Culturas*

### RESUMO

Propomos a análise do conto “Uma experiência privada” (2017), de Chimamanda Ngozi Adichie, à luz dos princípios defendidos pela autora na palestra “O perigo de uma história única” (2009), de modo a examinar criticamente a interação entre duas personagens femininas de grupos étnicos diferentes. O objetivo central é investigar como se sucede o encontro entre mulheres nigerianas pertencentes a realidades diferentes, em um contexto de conflitos étnicos com matizes religiosos, e como o olhar do Outro sofre o impacto do discurso único veiculado por comunidades opostas. Voltamos nossa atenção para os estudos culturais pós-coloniais, que agem como ponto de partida da pesquisa e focam na análise das relações interculturais, além das relações de poder e dominação desenvolvidas a partir do contato entre grupos de diferentes origens e práticas. As histórias adichieanas se inserem em um contexto de ruptura de paradigmas historicamente consolidados e contam com representações das experiências vividas, complementando estudos antropológicos que se propõem a analisar como se dão as relações da mulher negra com a sociedade contemporânea. Logo, além das formulações apresentadas por Adichie (2019), conceitos como os de Hall (2005) e Bhabha (2013) são basilares. Concluímos que o conjunto da obra adichieana contribui para a pertinência da literatura como motivação para questionamentos e veículos de militâncias política, social, sexual e cultural.

**Palavras-chave:** Literatura nigeriana. Pós-colonial. Mulher negra. Chimamanda Ngozi Adichie.

### ABSTRACT

We propose the analysis of the short story “A private experience” (2009), by Chimamanda Ngozi Adichie, in light of the principles defended by the author in the lecture “The danger of a single story” (2009), in order to critically examine the interaction between two female characters from different ethnic groups. The main goal is to investigate how the encounter between Nigerian women belonging to different realities takes place, in a context of ethnic conflicts with religious nuances, and how the Other's gaze is impacted by the unique discourse conveyed by opposing communities. We turn our attention to postcolonial cultural studies, which act as a starting point for the research and focus on the analysis of intercultural relations, in addition to the relations of power and domination developed

from the contact among groups of different origins and practices. Adichiean stories are inserted in this context and have representations of lived experiences, complementing anthropological studies that propose to analyze how black women's relations with contemporary society take place. Therefore, in addition to the formulations presented by Adichie (2019), concepts such as those by Hall (2005) and Bhabha (2013) are fundamental. We conclude that the whole of the Adichiean work contributes to the relevance of literature as a motivation for questioning and vehicles of political, social, sexual and cultural activism.

**Keywords:** Nigerian literature. Postcolonial. Black woman. Chimamanda Ngozi Adichie.

## INTRODUÇÃO

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada.

Chimamanda Ngozi Adichie, *O perigo de uma história única*

A partir da observação dos desdobramentos de ruptura recorrentes no discurso das ciências humanas, voltando o olhar para os estudos culturais, destacamos que, no campo dos estudos literários, houve o deslocamento da lógica patriarcal que reforçava a posição do homem branco heterossexual cisgênero como centro. Nesse modelo historicamente imposto, todos os opostos orbitavam em torno do suposto centro, seguindo o paradigma hierárquico reforçado pela tradição. Contudo, recentes estudos apontam para a desconstrução de tais preceitos, ressificando as relações coletivas. Posto isso, representações culturais, políticas e literárias podem ser esmiuçadas com a intenção de perscrutar as transformações nos arranjos e símbolos sociais, em termos de empoderamento de minorias.

Exploramos as representações da mulher negra nas obras de Chimamanda Ngozi Adichie, autora nigeriana que, por sua atuação, desafia a lógica polarizada que centraliza a figura masculina. Por ser mulher, negra e natural de um país ao sul do hemisfério, a própria Chimamanda já estaria em uma posição inferiorizada no arcabouço tradicional aqui questionado. Contudo, as perspectivas estruturalistas foram abaladas, a partir de propostas de rasuras à noção de tradição, que foi subvertida para abarcar novas perspectivas. Assim, passou-se a questionar os posicionamentos em torno da lógica homem x outros. Por publicar em um contexto de recente desconstrução dos papéis tradicionais de gênero, além de agir efetivamente para reforçar esse movimento de desconstrução, Chimamanda promove mais um deslocamento do centro. Bem como suas representações literárias, às quais, como produtos do meio em que essa autora circula, passam por processos de desconstrução como parte de desenvolvimento pessoal nas narrativas.

Para investigar como tais transformações são apresentadas em narrativas contemporâneas, propomos a análise do conto adichieano “Uma experiência privada” (2017), à luz dos princípios defendidos pela própria autora, em sua já antológica palestra-manifesto *O perigo de uma história única* ([2009] 2019), de modo a examinar criticamente a interação entre duas personagens femininas de grupos étnicos diferentes. Nesta proposta, traçamos um caminho de reflexão em torno da presença contracanônica de Chimamanda Adichie nos meios acadêmicos e comerciais, de modo a situar a narrativa de análise e a palestra proferida para o *TEDGlobal* no contexto de produção atual. Tal dinâmica nos permite direcionar a atenção para esse conto, comprovando que o deslocamento do centro abre espaço para novas histórias, que ganham visibilidade.

O objetivo central da pesquisa foi investigar como se sucede o encontro entre mulheres nigerianas pertencentes a realidades diferentes, em um contexto de conflitos étnicos com matizes religiosos, e como o olhar do Outro sofre o impacto do discurso único veiculado por comunidades opostas. Mais especificamente, objetivamos examinar a forma como o contexto político e social de que as personagens fazem parte influencia na interação incomum entre as mulheres, além de investigar o modo como o prejulgamento e a perspectiva estereotipada direcionam a interpretação que as mulheres que protagonizam o conto têm uma da outra. Ademais, intencionamos evidenciar o entre-lugar ocupado pela própria Adichie, de modo a compreender de onde parte a narrativa analisada, segundo o entendimento da palestra *O perigo de uma história única*.

As histórias adichieanas se inserem em um contexto de ruptura de paradigmas historicamente consolidados e contam com representações das experiências vividas, complementando estudos antropológicos que se propõem a analisar como se dão as relações da mulher negra com a sociedade contemporânea. Perceber como possibilidades de literaturas plurais se fazem importantes e necessárias neste contexto de transformações em que vivemos é imprescindível. Faz-se urgente a reflexão sobre questões moralizantes, que excluem, marginalizam e silenciam.

## **A PRESENÇA CONTRACANÔNICA DE ADICHIE NO PANORAMA LITERÁRIO OCIDENTAL**

Chimamanda Ngozi Adichie nasceu em Enugu, no sudeste da Nigéria, no ano de 1977, e foi criada em Nsukka, cidade onde seus pais, James Nwoye Adichie e Grace Ifeoma Adichie, trabalhavam como professores da Universidade da Nigéria. De acordo com a biografia disponível em *The Chimamanda Ngozi Adichie Website*, sítio mantido pela Université de Liège (Bélgica), a escritora

completou o ensino básico na escola vinculada à universidade onde seus pais lecionavam e chegou a cursar um ano e meio de medicina e farmácia na mesma instituição. Entretanto, aos dezenove anos, recebeu uma bolsa de estudos para cursar comunicação na Universidade Drexel, na Filadélfia (Estados Unidos), o que serviu como porta de entrada para sua formação estadunidense. Chimamanda graduou-se em Comunicação e Ciência Política pela Universidade Estadual do Leste de Connecticut e obteve seu título de mestra pela Universidade John Hopkins, período em que começava a trabalhar em seu primeiro romance, *Hibisco roxo* ([2003]2011). A partir dessa inserção no “centro”, tem início seu trabalho de implosão de cânones excludentes.

A autora nigeriana vem realizando a divulgação de parte da cultura de seu país por meio de suas obras narrativas e de suas palestras, bem como em seus posicionamentos, abordando assuntos relevantes no contexto local (Nigéria) e global. Exemplos de esferas de sua atuação incluem questões acerca dos obstáculos para o desenvolvimento de países ainda submetidos a outras culturas colonizadoras e neocolonizadoras, temáticas em torno dos movimentos migratórios e a participação da mulher na sociedade contemporânea, bem como as inter-relações entre grupos étnicos historicamente antagonizados, sendo esse último tópico o principal alvo deste artigo.

Como mulher negra africana-nigeriana, Adichie é considerada parte da comunidade de intelectuais engajados, estudiosos que aplicam seus conhecimentos em prol da luta por causas comuns e emancipatórias. Por meio de suas obras, a autora expõe suas ideias em busca da ampliação do entendimento em torno de sua nação, tendo a coletividade como centro de suas narrativas (THIBES, 2018, p. 41). Chimamanda é tida como intelectual engajada devido ao teor de suas publicações – que abarcam romances, contos, palestras, manifestos etc. –, as quais se fazem indispensáveis para apresentar um retrato mais próximo da Nigéria do século XXI, introduzindo questionamentos de raça, etnia e gênero para o grande público. O trabalho de Adichie, juntamente a outros autores pertencentes a nacionalidades “periféricas”, é essencial para reformular a narrativa arquitetada a respeito da presença negra na História. Nesse sentido, Bhabha afirma que

A presença negra atravessa a narrativa representativa do conceito de pessoa ocidental: seu passado amarrado a traiçoeiros estereótipos de primitivismo e degeneração não produzirá uma história de progresso civil, um espaço para o *Socius*; seu presente, desmembrado e deslocado, não conterà a imagem de identidade que é questionada na dialética mente/corpo e resolvida na epistemologia da aparência e realidade. (BHABHA, 2013, p. 80).

Portanto, o papel das publicações provenientes de pessoas africanas negras que vêm conquistando visibilidade em nível internacional recentemente – tal qual Chimamanda – seria o de ir

ao encontro do que Bhabha chama de “ato de violência epistemológica” partindo do branco para o negro (THIBES, 2018, p. 42). A produção literária adichieana faz parte de um movimento contracanônico, ao contribuir para o ecoar da voz do antes silenciado e invisibilizado, ao representar a presença negra sem o impulso centrado em estereótipos. Contudo, sua popularidade em meios acadêmicos e comerciais nos faz refletir sobre a inserção de seu trabalho nos estudos canônicos ocidentais.

Ao analisar a presença do poema épico *Omeros*, do santa-lucense Derek Walcott, no cânone estabelecido por instituições suecas e norueguesas, ao ser laureado com o Nobel de Literatura de 1992, Carvalho (2003) questiona se as narrativas advindas de escritores do “terceiro-mundo” que colecionam as características exigidas por premiações ocidentais seriam legítimas, ou seriam apenas uma mímica do centro. O teórico destaca que, devido à recente inserção de uma quantidade de intelectuais vindos de países em desenvolvimento em contextos acadêmicos e estéticos de países europeus e dos Estados Unidos, é preciso observar se tais obras destacadas como “interessantes” para o centro não seriam apenas um “efervescente movimento de ‘escritura de volta ao centro’ proposta pela literatura pós-colonial” (CARVALHO, 2003, p. 59). Sua pesquisa conclui que *Omeros* “[...] deve ser pensado como em um entre-lugar que preza [...], inclusive no nível estético, [por uma] performatividade que leva à desconstrução das noções de cânone e voz centrais, as quais podem sugerir que a periferia só pode ‘alcançar’ a modernidade através da imitação [...]” (CARVALHO, 2003, p. 63, grifo do autor).

Nessa perspectiva, a presença de Chimamanda em contextos acadêmicos também pode se tratar do fato da autora ocupar esse entre-lugar, do qual alcança posições de visibilidade e privilégio. Ao mesmo tempo em que escreve em língua inglesa e reside em um país central durante parte do seu tempo, o faz de modo a levantar questionamentos e críticas acerca da herança colonial deixada pelos próprios responsáveis por definir o que tem valor literário e o que não tem para o mundo ocidental.

Talvez mais que uma exceção à regra, a aceitação de uma autora mulher, negra, africana-nigeriana e contracanônica em rodas de discussão teóricas e acadêmicas deva-se a uma lenta mudança no paradigma, no que é considerado digno de atenção para os críticos. Em 1995, Muzart demonstrou preocupação com a mesmice no currículo dos programas das universidades brasileiras, ao relatar que seriam sempre os mesmos escritores discutidos em sala de aula. A teórica relata que, mesmo em propostas que se propunham a examinar textos contemporâneos, “[...] é raro que chegue aos nossos dias, preferindo permanecer nos canonizados Guimarães Rosa e Clarice [...] De vez em quando, alguns nomes novos são elevados à ‘dignidade’ dos currículos, são contemplados até nas provas dos

vestibulares, são canonizados.” (MUZART, 1995, p. 86). Pode-se inferir que, para Muzart, Chimamanda Adichie, com narrativas publicadas quase em sua totalidade no século XXI, seria ignorada por críticos e acadêmicos. No entanto, o que vemos é que seus textos ganham cada vez mais espaço e relevância em diversas esferas, acadêmicas e comerciais.

## “UM CONFLITO ÉTNICO COM MATIZES RELIGIOSOS”

Após a Segunda Guerra Mundial, com a publicação de novas Constituições, a Nigéria proclamou sua independência em 1960. No entanto, devido aos anos de colonização e às políticas constituídas no processo de independência, o país encontrava-se fragmentado por disputas políticas enraizadas em diferenças étnicas. De acordo com Oliveira (2014), “[...] poucos anos depois da independência, em 1966, dois golpes militares sucessivos ocorreram e, no ano seguinte, eclodiu a Guerra de Biafra, mais conhecida como Guerra Civil Nigeriana.” (OLIVEIRA, 2014, p. 230). Segundo esse autor, a Guerra de Biafra inaugurou um tipo de conflito bélico em que os dois lados são liderados apenas por generais e oficiais africanos, mesmo que apoiados por inteligência e maquinário de guerra das potências ocidentais. Ao final desse conflito, em 1970, o governo federal nigeriano derrotou os secessionistas.

O país é, atualmente, líder dos índices econômicos, populacionais e militares no continente africano (FILIPPI; XAVIER, 2017), apesar de sua história marcada por uma guerra civil – narrada em *Meio sol amarelo* (ADICHIE, 2008) –, diversos golpes de Estado e períodos republicanos. Entretanto, em que pese seu destaque em relação a seus vizinhos africanos, a economia nigeriana ainda está em desenvolvimento, ao passo que enfrenta uma crise política e de segurança, momento em que o Sul e o Norte do país se encontram fragmentados devido a crenças e situações econômicas desiguais. O sistema de poder que alimenta a desigualdade no país é também o que se empenha para manter a constância de relações sociais díspares, como forma de garantir seus privilégios em detrimento dos direitos das minorias.

Ao discorrer sobre o conceito de cultura nacional, Hall reitera que os países sempre são formados por classes sociais e grupos étnicos diversos. O teórico afirma que “A maioria das nações consiste de culturas separadas que só foram unificadas por um longo processo de conquista violenta – isto é, pela supressão forçada da diferença cultural.” (HALL, 2020, p. 35). Em um país como a Nigéria, por exemplo, devido ao passado colonial recente, tais diferenças culturais são ainda mais concretas. Por consequência, os estranhamentos entre grupos étnicos discordantes são comumente

retratados em narrativas de autores provenientes do país. Entre as obras de Chimamanda, destacamos, além do romance *Meio sol amarelo* (2008) – que descreve os dois golpes de estado seguidos sofridos nos anos 1960 na Nigéria, sendo o primeiro liderado por militares igbo e o segundo, um contragolpe encabeçado por militares hauçá que iniciaram um massacre ao povo igbo –, o conto “Uma experiência privada” (2017), que relata o encontro improvável entre Chika, uma mulher igbo e cristã e uma mulher hauçá e muçulmana.

Apesar da diferença temporal entre ambas as narrativas, sendo *Meio sol amarelo* ambientada nos anos 1960, enquanto “Uma experiência privada” se passa nos anos 1990, informação que pode ser inferida pela referência ao general Abacha, ditador que assumiu a presidência da Nigéria em 1993, observa-se que os conflitos étnicos não foram resolvidos com o fim da Guerra de Biafra. Desse modo, o contexto em que se passa o conto sobre o encontro entre as duas mulheres é de conflitos étnico-culturais, em que o narrador descreve a situação em que “[...] um homem passou de carro sobre um exemplar do Alcorão que estava no acostamento, um homem que, por acaso, era igbo e cristão.” (ADICHIE, 2017, p. 53). O contra-ataque ocorre imediatamente, com requintes de crueldade, quando “Os homens que estavam ali por perto, que por acaso, eram muçulmanos, o arrancaram da picape, cortaram sua cabeça com um golpe de machadinha e o levaram até o mercado, pedindo que os outros se juntassem a eles, pois o infiel tinha profanado o livro sagrado.” (ADICHIE, 2017, p. 53). Contudo, é impossível escolher um lado em um conflito que vem acontecendo há décadas incontáveis, e foi amplamente estimulado pela união forçosa do colonizador. Nessa perspectiva, de acordo com Hall,

Em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um *dispositivo discursivo* que representa a diferença como unidade ou identidade. Elas são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo ‘unificadas’ apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural. (HALL, 2020, p. 36, grifo do autor).

As profundas divisões e diferenças que atravessam as culturas, unidas a partir de atos de violência, podem ser presenciadas nas narrativas que apresentam etnias diversas submetidas ao ideal de nação. No entanto, na pequena esfera particular criada por Chika e a mulher hauçá, essas diferenças não importam. O elo de solidariedade e empatia formado momentaneamente pelas mulheres é o que as mantém vivas em um cenário de intolerância e desumanidade. Apesar do discurso de ódio veiculado pela mídia nacional e internacional, as diferenças religiosas e culturais são deixadas de lado, em um contexto micro e repleto de nuances:

Mais tarde, Chika lerá no *The Guardian* que ‘os muçulmanos reacionários do norte, falantes da língua *hausa*, têm um histórico de violência contra não muçulmanos’ e,

em meio à sua dor, irá parar para lembrar que examinou os mamilos e viveu a experiência de conhecer a gentileza de uma mulher que é *hausa* e muçulmana. (ADICHIE, 2017, p. 62; grifos nossos).

Para Chika, os muçulmanos reacionários do norte não fazem parte do mesmo grupo que a mulher hauçá que a auxiliou durante o conflito. Enquanto existe um imaginário estereotipado do grupo étnico-religioso, a noção individual de uma pertencente da etnia é mais complexa e abrangente. Com a oportunidade de aproximação, abre-se espaço para a compreensão do Outro, mesmo que em um espaço de tempo tão curto.

## A HISTÓRIA ÚNICA DO OUTRO E AS NARRATIVAS DE SUBJETIVIDADES EM CHIMAMANDA

Na palestra realizada em julho de 2009 para o *TEDGlobal*, publicada posteriormente em formato de livro-manifesto, intitulada *O perigo de uma história única*, Chimamanda Adichie discorre sobre como países que não têm muito espaço na mídia hegemônica, seja por serem considerados em desenvolvimento, seja por não fazerem parte do contexto ocidental, correm o risco de terem suas histórias contadas a partir de apenas um ponto de vista. A autora e ativista destaca os perigos de contentar-se com as imagens unidimensionais de culturas das quais não recebemos muita informação, devido à falta de interesse dos veículos de comunicação. Em uma fala de aproximadamente dezoito minutos, Adichie relata experiências em que foi alvo de um entendimento estereotipado sobre o povo africano-nigeriano. Também conta sobre situações em que foi a disseminadora de um conhecimento fragmentado sobre o Outro.

Na experiência privada vivida no conto por Chika e a mulher hauçá, a situação que colocou duas mulheres em um momento de intimidade forçada é extremamente propícia para primeiras impressões baseadas em leituras unidimensionais da cultura uma da outra. Do ponto de vista de Chika, igbo e cristã, a própria aparência da mulher a sua frente é um indicativo das características que são consideradas primordiais em um primeiro momento: a etnia e a religião da companheira de esconderijo.

Mesmo se não tivesse ouvido o forte sotaque *hausa* da mulher, Chika saberia que ela era do norte por causa do rosto estreito e das maçãs do rosto estranhamente altas; e saberia que é muçulmana, por causa do lenço. [...] Chika se pergunta se a mulher a está observando também, se sabe, por sua pele clara e pelo rosário de dedo feito de prata que sua mãe insiste em obrigá-la a usar, que é igbo e cristã. Mais tarde, Chika descobrirá que, quando ela e a mulher estavam conversando, muçulmanos *hausas*



estavam atacando cristãos igbos a machadadas e apedrejando-os. Mas naquele momento, ela diz: ‘Obrigada por me chamar [...]’ (ADICHIE, 2017, p. 51, grifos nossos).

Da mesma forma, Chika sente-se autoconsciente das características visuais que a marcam como igbo e cristã. Em seus apontamentos sobre o momento de estranhamento e descoberta no primeiro contato entre indivíduos que foram expostos a histórias estereotipadas um do outro, Adichie demonstra sua surpresa ao ser olhada como digna de pena, afirmando: “O que me impressionou foi: ela já sentia pena de mim antes de me conhecer. Sua postura preestabelecida em relação a mim, como africana, era uma espécie de pena condescendente e bem-intencionada.” (ADICHIE, 2019, p. 16-17). Assim, no primeiro contato igbo-cristã/hauçá-muçulmana, sentimentos como pena e distanciamento podem ser observados do ponto de vista de Chika, que conta com o imaginário sustentado pela cobertura da mídia sobre os conflitos étnico-religiosos de seu país.

Dando continuidade à experiência de interação entre as personagens, ainda que o medo advindo do estranhamento cultural seja deixado de lado em prol da ajuda mútua, ainda persistem algumas concepções sustentadas pelo olhar estereotipado. Devido ao pouco domínio da língua inglesa e às roupas gastas da hauçá, Chika questiona-se quanto ao nível de conhecimento da parceira de abrigo, baseando-se unicamente nos curtos diálogos trocados:

‘Você estuda onde?’

‘Na Universidade de Lagos. Eu faço faculdade de medicina. Nnedi, de ciências políticas.’ Chika se pergunta se a mulher ao menos sabe o que significa fazer faculdade. [...]

A mulher está com o olhar fixo à frente. [...] ‘É obra do mal’, diz, após algum tempo. Chika se pergunta se isso é tudo que a mulher pensa da onda de violência, se é apenas assim que a vê – como o mal. [...] Então Chika sente uma pontada de culpa ao se perguntar se a mente daquela mulher é ampla o suficiente para compreender tudo aquilo. (ADICHIE, 2017, p. 54-56).

Ao duvidar da abrangência do conhecimento da mulher hauçá, Chika parte de um lugar que leva em consideração apenas os saberes acadêmicos. A personagem ignora, por exemplo, que a muçulmana demonstrou um vasto conhecimento sobre sobrevivência em situações de risco, ao atraí-la para o esconderijo que compartilham. E a compara com a irmã, que imagina que na mesma situação estaria fazendo discursos políticos embasados em teorias discutidas em sala de aula. Chika falha em notar que o tipo de instrução que a mulher detém é muito mais útil na situação em que se encontram do que o que a irmã teria.

Para a jovem igbo, após a primeira impressão que reconhece a etnia e a religião, a próxima coisa a ser notada são as roupas e o modo de falar da mulher que evidenciam que a mesma faz parte

de uma classe social mais baixa. É essa ideia que impede Chika de enxergar a muçulmana como alguém capaz de compreender o contexto de conflitos em que se encontram. Ao mencionar sua própria experiência com pessoas pertencentes a estratos sociais inferiores ao dela, Adichie declara: “Não havia me ocorrido que alguém naquela família pudesse fazer alguma coisa. Eu só tinha ouvido falar sobre como eram pobres, então ficou impossível para mim vê-los como qualquer coisa além de pobres. A pobreza era minha história única deles.” (ADICHIE, 2019, p. 15-16).

A autora fala, ainda, sobre a experiência de visitar o México, e sobre notar que havia comprado o imaginário estadunidense de que o país latino seria um local de pobreza e de pessoas desejosas de migrar para a nação ao norte. Ao perceber que “[...] tinha estado tão mergulhada na cobertura da mídia sobre os mexicanos que eles haviam se tornado uma só coisa na minha mente: o imigrante abjeto.” (ADICHIE, 2019, p. 21-22), a nigeriana diz sentir-se envergonhada, ao ter acreditado na única história reproduzida sobre o país. Vale ressaltar que, a partir do discurso veiculado nos Estados Unidos, entre outros muitos países, cidadãos africanos também são vistos como “migrantes abjetos”. Assim, Chimamanda está no entremeio de uma situação em que ora se vê como pertencente a uma comunidade estereotipada, ora observadora de comunidades a partir de um olhar unidimensional.

Ao teorizar os embates culturais que ocorrem nas negociações de grupos sociais diversos, Bhabha (2013) assume uma posição esperançosa ao discorrer sobre a complexidade da articulação social da diferença, defendendo a possibilidade de diálogo entre comunidades múltiplas. É interessante pensar a partir de tal perspectiva para expandir o entendimento da cultura do Outro, aumentando o repertório de histórias e pontos de vista. Para Bhabha,

O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na *articulação de diferenças culturais*. Esses ‘entre-lugares’ fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade. (BHABHA, 2013, p. 20, grifo nosso).

Em uma experiência privada, de caráter emergencial e íntimo, Chika, igbo e cristã, e a mulher hauçá e muçulmana, são exemplo dessa possibilidade de ultrapassagem das narrativas de subjetividades iniciais, para estabelecer novos signos de identidade e novos entendimentos do Outro. Bhabha afirma que “[...] é na emergência dos interstícios – a sobreposição e o deslocamento de domínios da diferença – que as experiências intersubjetivas e coletivas de nação [*nationness*], o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados.” (BHABHA, 2013, p. 20). Desse modo,

nota-se que o contexto em que a interação entre as mulheres ocorre estabelece um terreno propício à negociação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É interessante imaginar um cenário hipotético em que os participantes do conflito étnico-religioso que ocorre no ambiente externo do esconderijo das mulheres tomariam parte de uma situação de convivência forçada, assim como as protagonistas do conto. Ou ainda, a título de exercício da mente, conjecturar sobre o encontro de Chika e a mulher hauçá fora do contexto emergencial de sua experiência privada. Na primeira hipótese, os participantes ativos do conflito ultrapassariam o entendimento inicial e rudimentar do Outro para compreensão mútua? Na segunda, haveria possibilidade de comunicação entre as mulheres, de culturas tão antagonizadas? Tais questionamentos nos possibilitam refletir sobre como os embates culturais podem ser tanto pacíficos quanto violentos, e as fronteiras definidas por povos diversificados podem ser o local de encontro para conhecimento e reconhecimento de histórias diversas sobre o Outro.

À guisa de conclusão, consideramos que este artigo representa mais um passo dado em direção aos caminhos para a desconstrução de preceitos determinados autoritariamente, que surgem devido à necessidade de dar continuidade ao diálogo estabelecido com grupos sobre meios de alienação hegemônica e sobre de que forma isso influencia na aceitação identitária e no empoderamento de pessoas pertencentes a minorias. Além disso, em virtude da possibilidade de associação entre cultura, literatura e identidade, a partir da análise das representações no *corpus* que ilustram a relação entre mulheres de diferentes contextos étnico-religioso-culturais, além da relação da mulher com sua própria individualidade, a principal ambição deste artigo é a expansão do alcance de divulgação de literaturas pós-coloniais, em especial a nigeriana, compreendendo a importância da ampla promoção de obras que se prestam a questionar organizações socioculturais vigentes.

Com a ampliação dos estudos pós-coloniais, entre outros que promovem a voz do marginalizado, uma trajetória de ruptura dos paradigmas historicamente consolidados é delineada. As obras de Chimamanda Adichie são importantes para difundir representações ficcionais da atualidade como fonte de aprendizado e conhecimento de mundo, e se inserem em um contexto pós-colonial que nos disponibiliza narrativas condizentes às experiências vividas, complementando estudos

antropológicos que se propõem a analisar como se dão as relações da mulher com a sociedade contemporânea. Com a ampla divulgação de seu trabalho, debates acerca da condição do Outro deixam o âmbito exclusivamente acadêmico para alcançar outras esferas, atingindo os maiores interessados nas temáticas abordadas pela autora. A distribuição de narrativas criadas por uma mulher, negra, africana-nigeriana e contracanônica em meios acadêmico-teóricos e em meios comerciais parece apontar para uma lenta mudança no paradigma, de modo a dilatar a noção de literatura canônica ocidental.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Meio sol amarelo*. Tradução Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Hibisco roxo*. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *No seu pescoço*. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

CARVALHO, Isaías Francisco de. Cânone, influência, déficit; pastiche, paródia, digressão. In: *Omeros-Walcott: outrização produtiva: uma poética semi-utópica dos encontros culturais*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2003. p. 58-64.

FILIPPI, Eduardo E; XAVIER, Rafael C. Nigéria contemporânea: raízes da insurgência doméstica e implicações regionais. In: *Revista Conjuntura Austral*. Porto Alegre, v.8, n.42, jun./jul. 2017. p. 78-95. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/view/72468>. Acesso em: 10 dez. 2021.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.

MUZART, Zahidé Lupinacci. A questão do cânone. *Anuário de Literatura*, v. 3, n. 3, p. 85-93, 1995.

OLIVEIRA, Guilherme Ziebell de. O papel da Guerra de Biafra na construção do estado nigeriano: da independência à segunda República (1960-1979). In: *Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD*, Dourados, v.3. n.6, jul./dez., 2014. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/moncoes/article/view/3002/2130>. Acesso em: 04 out. 2021.

THIBES, Luana Caetano. *As mulheres de Chimamanda: representações de raça, etnia e gênero*. 85 f. 2018. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2018. Disponível em: <http://www.biblioteca.uesc.br/biblioteca/bdtd/201610165D.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2021.

TUNCA, Daria. *Bibliografy*. The Chimamanda Ngozi Adichie Website. © 2004-2017 Daria Tunca. Disponível em: <http://www.l3.ulg.ac.be/adichie/cnabio.html>. Acesso em: 08 dez. 2021.